

---

## Dossiê: As Cidades na Cidade

---

Se nas cartas urbanas, Paris, Rio de Janeiro, Nova York se mostram bem delineadas em suas formas e superfícies gráficas, com seus marcos turísticos e geográficos bem pontuados e fixados na paisagem, na escala daquele que caminha e as usa no dia-a-dia as representações são outras. As formas que essas metrópoles adquirem podem ser tantas quantas for a produção de subjetividade dos diferentes sujeitos que nelas habitam.<sup>1</sup> Neste sentido, a cidade não guarda apenas forma física, mas a conjuga a outras simbólicas. João do Rio, escritor carioca do início do século XX, em seu ensaio *A rua*<sup>2</sup>, chamava atenção para o caráter singular dos diferentes logradouros do Rio de Janeiro, o que lhes conferia “almas” particulares. As múltiplas cidades que a cidade abriga e frequentemente esconde somente se revelam àqueles que nela se aprofundam segundo o ritmo lento de seus corpos pesados.

Para o geógrafo Milton Santos, no mundo globalizado, dois vetores contraditórios organizam o espaço de nossas cidades.<sup>3</sup> O primeiro, chamado por ele de vertical, está relacionado com as forças hegemônicas do capital. Servindo-se de modernos meios de comunicação e de ferramentas tecnológicas sofisticadas de informação, negligencia a dinâmica dos fluxos materiais, conecta pontos distantes do território, racionaliza o espaço, padroniza o comportamento e os desejos dos indivíduos para melhor assegurar o controle social, estabelecer as hierarquias, garantir a circulação de mercadorias e o bom funcionamento da economia global. O segundo, definido pelo autor como horizontal, é físico e trabalha no nível do solo a partir das edificações e do cenário urbano. Privilegia as experiências sensíveis e individuais, ligando-se à memória e ao afeto do caminhante. Ancorado no lugar e na percepção direta do sujeito, conecta pontos contínuos no espaço, estruturando a cidade pelos usos cotidianos. Escapando do controle das forças hegemônicas e de sua lógica disciplinar, esse segundo vetor é capaz de fazer eclodir na cidade oficial outras cidades móveis, oficiosas, que se investem dos fluxos das ações sociais e das subjetividades desviantes. Com efeito, a emergência de outras cidades na cidade é favorecida pelo contato direto entre os indivíduos em seus momentos de afirmação e posicionamento, pessoal ou coletivo, quando reagem aos padrões de homogeneização impostos pela ordem global.

Justamente naqueles territórios negligenciados e obscuros, em que a eficiência escrutinadora do poder econômico e das tecnologias da informação não alcançaram com suas luzes, os grupos minoritários e excluídos da ordem global vieram se abrigar. Sob essas zonas opacas e sombrias, nas quais os imigrantes, os favelados e as minorias sexuais se recolheram em seus guetos, o regime de exceção vigora, o tempo corre mais lentamente. Segundo Santos, essa é a condição oportuna para se fazer emergir, em contrapartida, surpreendentes invenções de resistência ao opressor. Se existe uma cidade lustrosa, ideal, patrulhada constantemente pelas forças de coerção e de violência do capital, outras cidades mais reais e ocultas, visíveis apenas por aqueles caminhantes meticolosos, despertam de suas sonolências quando as luzes da vigilância se apagam. A

corpulência desses homens lentos redesenha constantemente os espaços através de novas formas de usos que inventam.

Por outro lado, não se pode negligenciar a lição que Benjamin nos legou: apropriando-se dos meios de produção que pretendem controlar suas energias vitais, assumindo suas formas dialéticas, os oprimidos podem, quando bem organizados, infiltrar-se nas redes de poder para subvertê-las.<sup>4</sup> A exemplo podemos citar a Primavera Árabe, uma onda de revoluções encadeadas no Oriente Próximo, cuja ação foi primeiramente organizada nas redes sociais antes de se efetivar nos espaços reais das cidades. Occupy All Street, série de manifestações contra a desigualdade social e econômica que teve início nos Estados Unidos, no distrito de Manhattan em setembro de 2011, se espalhou rapidamente pela web, contaminando, de modo descontínuo, outros locais do globo. As manifestações de junho de 2013 que ocorreram no Brasil, inicialmente motivadas pelo aumento abusivo dos preços do transporte público em São Paulo, foi disto uma consequência. Rapidamente se propagou por outras urbes e logo se tornou um movimento social amplo no país, visando à moralização geral da política, exigindo o fim da corrupção.

13

---

Diante das forças contraditórias e dialéticas – local / global; real / virtual; indivíduo / coletividade – que organizam a realidade e os espaços de nossas metrópoles, o que podem a arte e o artista em nossos dias?

Pensar e viver as cidades que a cidade abriga em suas diferentes formas arquitetônicas, urbanísticas, regimes de subjetividades, vida social e cultural através da arte, suas novas práticas e teorias, vêm a ser o propósito deste dossiê. Da problemática exposta, pretende-se lançar diferentes olhares sobre a complexa experiência de viver nas metrópoles contemporâneas.

Estão reunidos neste dossiê, além de um ensaio de minha autoria, os de Sheila Cabo Geraldo, professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; de Tatiana Sampaio Ferraz, professora da Universidade Federal de Uberlândia; de Barbara Silva, professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; de Clarisse Monteiro, mestrandia do

PPGCA-UFF; de Marilane Abreu Santos, doutora pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, contando ainda com um trabalho artístico de Lívia Flores, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Agradeço a todos que graciosamente atenderam à minha solicitação e convite. Agradeço também o convite do professor Luiz Sérgio de Oliveira, Editor da Poiésis, Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense.

Luciano Vinhosa, maio de 2018.

---

<sup>1</sup> LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

<sup>2</sup> RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Divisão de Editoração, 1995, p. 3-19.

<sup>3</sup> DUARTE, Cristovão. *A força de resposta do lugar (tributo a Milton Santos)*. Disponível em <https://cristovao1.wordpress.com/tag/milton-santos/>. Acesso em 09/2/2015.

<sup>4</sup> “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” e “O artista como produtor” em Walter Benjamin, *Magia e técnica, arte e política* (obras escolhidas), São Paulo, Brasiliense, 1994, respectivamente páginas 165-196 e 120-136.